

Resenha de: HAESBAERT, Rogério. **Regional-Global - Dilemas da Região e da Regionalização na Geografia Contemporânea**. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil. 2010.

Lucas Guedes Vilas Boas

Universidade Federal de Juiz de Fora

lucasgvb1991@hotmail.com

Em “Regional Global”, Rogério Haesbaert percorre a evolução do conceito geográfico de região, desde Ptolomeu e Estrabão, passando pela Geografia Tradicional, até chegar aos tempos hodiernos, percorrendo as diferentes correntes da história do pensamento geográfico. Ele comenta criteriosamente as principais vertentes que proclamaram a “morte” ou o “fim” da região, assim como disserta sobre as principais perspectivas que promoveram o retorno à região na ciência geográfica. Na obra, o autor evidencia o fato de que a região não está ultrapassada, mas que deve ser entendida atualmente através da compreensão dos processos globalizantes, da lógica reticular, entre outras características, que a região não possuía anteriormente.

Diferentemente de outras obras, nesta há uma proposta clara do autor para o conceito de região e para a regionalização. O autor defende aqui que a região seja compreendida enquanto artefato, visto que em muitos momentos, ela foi entendida somente como fato ou como artifício. Tal discussão será tratada posteriormente.

Região é um conceito polissêmico, possuindo diversos significados em dessemelhantes áreas. Na Geografia Tradicional, a região era o conceito-chave. No século XIX, Ritter e Humboldt “fundam” a denominada Geografia Regional. Pode-se dizer que na Geografia Tradicional a região era entendida como síntese, possuindo estabilidade, valorizando as singularidades e se encontrava atrelada à mesoescala.

No início do século XX, período de auge da Geografia Regional, as obras de Vidal de La Blache, Carl Sauer e Richard Hartshorne sobre a temática se destacaram. Algumas das características em comum das abordagens regionais destes autores e que caracterizam a Geografia Regional Clássica são: a valorização das singularidades, a região como síntese, apresentando coesão interna e contiguidade e tendo relativa estabilidade.

A mutabilidade do conceito de região no decorrer do tempo é salientada na obra, já que o mesmo se valoriza e se desvaloriza frequentemente, sendo que isso ocorre muitas vezes em uma única vertente do pensamento, como será visto adiante.

O autor aponta três momentos ou perspectivas para a “morte” ou o “fim” da região. Na perspectiva neopositivista, alguns fatores contribuem para o declínio da região, como a mudança do paradigma regional para o espacial, a redução da região a classes de áreas (como visto nas obras de David Grigg), entre outros.

A obra de Schaefer, que visava defender o excepcionalismo da geografia, favoreceu este processo, visto que construiu uma crítica à geografia de cunho corológico, por valorizar o regional e esquecer-se do sistemático. Contudo, o próprio neopositivismo retoma a região, sobretudo através das noções de regiões homogêneas e funcionais.

Já na perspectiva marxista, Yves Lacoste coloca a região como conceito-obstáculo, pois cria que ela impedia a visão de outras relações espaciais existentes. Deve-se enaltecer que o próprio Lacoste reconheceu a inconsistência de sua crítica ao baseá-la em cima de apenas uma obra de La Blache. Nela, proclama-se o fim do conceito de região devido à homogeneização dos espaços. Contudo, alguns autores marxistas retornam à região, atrelando-a principalmente à reprodução do capital, como na divisão territorial do trabalho, aos movimentos sociais e regionalismos e às ideologias, como Gramsci faz ao discorrer sobre a identidade regional.

Sob a égide da perspectiva do globalismo pós-moderno, há o fortalecimento da sociedade em rede, em detrimento da sociedade “regionalizada”. Porém, os discursos que afirmam que a globalização em rede e o aumento da mobilidade dos fluxos fariam as regiões desaparecerem são equivocados, visto que há forte viés regional na lógica reticular, como percebido nas regiões em rede. O que se denomina de Pós-Modernidade, ao valorizar as singularidades, estimula a Geografia Regional.

Nos últimos anos, tem-se o retorno ao conceito de região, no que Haesbaert denomina de “Nova Geografia Regional”. A região é valorizada por intermédio do Pós-Estruturalismo e do “Neomodernismo” e suas quatro vertentes.

O Pós-Estruturalismo é uma corrente filosófica que possui intenso atrelamento ao contexto, à questão local. Vincula-se à multiplicidade, à diferença, à mobilidade, à fluidez, entre outros aspectos. Ao criticar as generalizações e revalorizar aquilo que é específico e/ou vivido, faz ressurgir a região, que sempre se vê atrelada às especificidades. Para os pós-estruturalistas, a região não é uma realidade, podendo ser uma invenção daquele que regionaliza. Os discursos regionalistas, apegados à identidade regional, também se fortalecem nesta vertente.

No Neomodernismo, destacam-se quatro correntes de resgate da região. A primeira delas é o globalismo neoliberal, cujo principal expoente é Kenichi Ohmae. Ao proclamar o fim dos Estados-Nações, devido à atual fase da globalização e à dinâmica da economia neoliberal, o autor afirma surgirem os Estados-Regiões, vinculados aos processos econômicos globais. Por exemplo, a constituição de blocos econômicos regionais seria um dos principais fatores de formação destes estados-regiões.

Outra vertente possui base ecológica e trabalha com as denominadas biorregiões. O biorregionalismo se foca nas questões ambientais, sendo contrário à lógica monocultural do globalismo e a favor das diversidades cultural e biológica. Enxerga a região com um olhar holista, sempre focando na relação sociedade/natureza. As biorregiões incluem a cultura na natureza e possuem uma dimensão físico-biológica e outra fenomenológico-cultural.

A teoria da estruturação elaborada por Anthony Giddens e com repercussão em Benno Werlen retoma a região, encarando-a como o lugar de encontro entre o social e o individual, entre o geral e o

singular, sendo, por conseguinte, capaz de gerar uma estrutura. Os regionalismos e as regionalizações são valorizados nesta perspectiva. Para os estruturalistas, a regionalização varia conforme o cotidiano e as condições espaço-temporais.

Já a corrente que pode se denominar de “neomarxismo” pensa a região por intermédio de uma ótica globalizante. Para os neomarxistas, num mundo em que as redes cada vez mais se ampliam em quantidade e intensidade, as regiões são descontínuas ou em rede, possuindo uma coesão simbólico-funcional. Apesar de não apresentarem mais a contiguidade característica da região da Geografia Tradicional, as regiões em rede devem apresentar uma coesão em termos funcionais (mais voltados a aspectos econômicos) e simbólicos (fatores socioculturais). As regiões são destarte entendidas como *locus* de poder, em múltiplas escalas.

Um conceito que se sobressaiu nos últimos anos foi o de cidades-região, que pretende absorver o urbano no regional e integrar as escalas local, regional e global. Os autores que defendem as cidades-região as concebem como importantes nós das redes mundiais, pela melhor conectividade que possuem a estas, devido a aspectos, como capacidade inovadora, boa formação de trabalho, entre outras condições.

Em síntese, pode-se afirmar que a Nova Geografia Regional concebe a região focalizando as dinâmicas da globalização, o enfraquecimento dos Estados Nacionais, abordando também os aspectos políticos e culturais e versando sobre temáticas como os regionalismos e as identidades regionais.

Após comentar as perspectivas de desvalorização e de resgate da região, Haesbaert discute o alicerce teórico necessário à sua proposta de regionalização, explanando acerca das díspares abordagens de região.

Posteriormente, o autor chega à discussão da região enquanto fato ou artifício, para explicar a sua proposta de regionalização. Ao discorrer sobre a região como fato, Haesbaert enfatiza sua profunda base empirista (como percebido nas obras lablacheanas), mostrando que nesta visão, a região é concebida como algo dado, já pronto. Como exemplo, tem-se também o marxismo, que vê a região como realidade social, portanto, fato. A região é, portanto, a priori. Aqueles que entendem a região como fato possuem uma abordagem nitidamente realista, vide o caso lablacheano.

Os teóricos que defendem a região como artifício a entendem como uma parte ou um recorte espacial. Ela é então, um instrumento analítico ou um procedimento metodológico. Regionaliza-se para facilitar a análise de um ou mais elementos em determinada área ou como parte da metodologia de um trabalho ou pesquisa. A região é uma abstração, um “constructor mental”, conforme expõe Richard Hartshorne.

A região enquanto artifício possui uma abordagem construtivista, visto que é entendida como uma invenção ou construção do observador ou planejador. Na Geografia Teorético-Quantitativa, calcada no neopositivismo, autores como David Grigg entendem a região como classe de áreas. Nesta corrente, as regiões funcionais ou polarizadas se sobressaem, vinculadas ao Planejamento Regional.

A terceira abordagem tratada pelo autor é a normativa, que propõe ações para a região, possuindo, portanto, estreita relação com o planejamento regional. Esta maneira de se compreender a região se preocupa em agir com intenções político-econômicas, de modo a interferir nas configurações regionais. O

viés normativo da região não se restringe somente aos Estados, sendo utilizado também por muitos grupos sociais subalternos à ordem estabelecida.

Enfim, Rogério Haesbaert discorre acerca de sua proposta de regionalização, entendendo a região como artefato. Em seu propósito, ele a concebe como produto e produtora dos processos de diferenciação espacial e das dinâmicas globalizantes e fragmentadoras. A região é construída mental e concretamente por diversos sujeitos, sendo um cruzamento entre o fato (concretude) e o artifício (abstração). Ela é categoria de análise e de prática.

A região enquanto artefato possui como intuito findar com a dicotomia entre fato e artifício, demonstrando que ela é fato e artifício concomitantemente. Para o autor, as regiões são construídas por diversos sujeitos, como os Estados, as empresas, os grupos culturais, entre outros.

Para o autor, a região possui uma dimensão funcional, caracterizada pelo viés material, e outra simbólico-cultural, caracterizada pela esfera do “vivido”, pelas experiências e simbolismos ali existentes. Na defesa da região enquanto artefato, Haesbaert disserta sobre as articulações regionais, comentando que estas podem acontecer nas variadas dimensões espaciais e que têm lógica zonal ou reticular.

Há na obra também, uma breve síntese das principais características da Geografia Regional Clássica. O autor explica brevemente algumas delas, como os processos de diferenciação espacial (que originam as singularidades regionais), os critérios de coesão, o jogo entre fixidez (estabilidade) e fluidez (mobilidade), o vínculo com a mesoescala (entre a local e a nacional ou global), a contiguidade, a homogeneidade interna, entre outras. É importante ressaltar que a Nova Geografia Regional, apesar de trazer algumas mudanças às discussões referentes à região, não extingue totalmente os tradicionais conceitos de região e as características por eles defendidas.

Posteriormente, descrevem-se algumas relações da região com outros conceitos geográficos. Contemporaneamente, o principal conceito-chave da geografia é o espaço. Assim sendo, os conceitos de região e território variam conforme o conceito de espaço adotado, de acordo com a dimensão espacial privilegiada.

Existem duas perspectivas distintas na análise do arrolamento entre região e território. Há as perspectivas dissociativas, que os vêem de maneira separada, e as perspectivas associativas, que incluem um conceito no outro, tendo uma abordagem integradora. O autor defende a perspectiva associativa, focando os estudos territoriais nas práticas e os estudos regionais nas articulações e diferenciações espaciais. Ele justifica sua posição afirmando que a regionalização do espaço (e a maneira como esta se dá) influi e implica diretamente nas relações de poder (tipicamente territoriais).

Nas considerações finais, Haesbaert recupera as principais características contidas no livro, realizando uma breve síntese de tudo o que foi explicado em sua obra e fazendo alguns entrelaçamentos. Por fim, o autor encerra a obra corroborando aquilo que enfatizou durante todo o livro, que na atualidade, as regiões são descontínuas, imersas nas redes e na lógica reticular e que a regionalização se dá em múltiplas escalas. Ele enaltece ainda a necessidade de se analisar a região ante o processo globalizatório vigente.

